



**República de Moçambique**  
**Ministério dos Negócios Estrangeiros e Cooperação**

**“Reforçando os Pilares da Arquitectura de Paz, Estabilidade e Segurança em  
África”**

**INTERVENÇÃO DE SUA EXCELÊNCIA OLDEMIRO BALOI  
MINISTRO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS E COOPERAÇÃO  
POR OCASIÃO DA REUNIÃO DE AVALIAÇÃO PÓS-EXERCÍCIO AMANI  
ÁFRICA II  
(MAPUTO, 4-8 DE ABRIL DE 2016)**

**Maputo, 4 de Abril de 2016**

**Sua Excelência Embaixador Smail Chergui, Comissário da União Africana para a Paz e Segurança;**

**Peritos envolvidos nas operações;**

**Membros do Corpo Diplomático acreditado na República de Moçambique;**

**Senhores Generais, Oficiais Superiores e Subalternos representantes das Forças de Defesa e Segurança do continente Africano;**

**Senhores Representantes das Brigadas Regionais em Estado de Alerta;**

**Minhas Senhoras e Meus Senhores!**

Em primeiro lugar gostaria de desejar à todos boas vindas à Cidade de Maputo, a este encontro de representantes das Forças de Defesa e de Segurança do nosso continente.

Como é do vosso conhecimento, estamos aqui reunidos em cumprimento de uma decisão dos Chefes de Estado e de Governo da União Africana no sentido de se acelerar o processo de criação de capacidades africanas para a solução dos problemas de paz e segurança no continente, alicerçadas na Arquitectura Africana de Paz e Segurança.

Permitam-me, antes de mais, transmitir os agradecimentos do Comandante em Chefe das Forças Armadas da República de Moçambique, Sua Excelência Filipe Nyusi, Presidente da República, por terem acedido ao convite por ele formulado em Janeiro, em Adis Abeba, para se reunirem em Moçambique. Associamo-nos a este evento por ser crucial para a preservação da paz no continente.

A vossa presença no nosso país atesta o comprometimento pessoal assim como dos vossos respectivos países, regiões e do continente pela causa da paz, segurança e estabilidade em África. A paz prepara-se e exige de nós sacrifícios abnegados.

Os militares africanos continuam a jogar um papel importante nos processos de prevenção e resolução de conflitos e na manutenção da paz, particularmente através do seu envolvimento em missões de apoio à paz nos vários cantos do nosso continente.

Quer na República Democrática do Congo ou na Somália, no Sudão do Sul ou na República Centro Africana, homens e mulheres africanos, sob égide da União Africana ou das Nações Unidas, esforçam-se para lograr o almejado objectivo de um continente livre de conflitos e liberto do troar de armas até 2020.

A nossa indubitável gratidão vai, pois, para os soldados que sacrificaram as suas vidas cumprimento do seu dever.

## **Excelências**

**Senhores Generais, Oficiais Superiores e Subalternos**

**Minhas Senhoras e meus Senhores**

A Cimeira da União Africana incumbiu-nos a tarefa de fazer uma avaliação do Exercício AMANI África II que decorreu simultaneamente em Adis Abeba e em Lohatla, África do Sul, de 19 de Outubro à 8 de Novembro de 2015 e que contou com a participação de cerca de cinco mil (5.000) efectivos civis, militares e policiais provenientes de todo o nosso continente.

A região da SADC, no geral, e Moçambique, em particular, estão gratos por a República da África do Sul ter acolhido este Exercício que foi coroado de êxito. Em

Lohatla, confirmamos que, apesar dos desafios diversos e complexos, o continente possui a capacidade necessária para autorizar, planear, desdobrar, dirigir, gerir, manter e retirar missões multidimensionais dos Capacetes Verdes. Em Lohatla dissemos ao mundo inteiro que o nosso continente é capaz e está pronto! Demos, mais uma vez e inequivocamente, prova de que os problemas africanos devem e podem ter soluções africanas!

Queremos louvar todos os países e regiões que participaram no Exercício. Apesar do sucesso de Lohatla, devemos continuar ainda a arregaçar as mangas para ultrapassar os desafios identificados durante o exercício. As disparidades na capacidade militar das várias Comunidades Económicas e Mecanismos Regionais, assim como entre os Estados Membros constituem desafios ao desdobramento efectivo de uma Força Africana em Estado de Alerta em plena capacidade operacional. Daí continuarem a serem importantes os compromissos assumidos no âmbito dos Pactos de Não-Agressão celebrados ao nível do continente e das regiões.

Estamos convictos de que nas vossas deliberações, estas e outras questões serão consideradas e sistematizadas num Plano de Trabalho da Força em Estado de Alerta que poderá reflectir o que se pensamos, como por exemplo, sobre:

- (i) o financiamento da nossa Arquitectura de Paz e Segurança;
- (ii) a melhor forma de harmonizar e coordenar a tomada de decisão entre a União Africana, as Comunidades Económicas Regionais e os Estados Membros;
- (iii) a capacidade de geração de forças sob égide da União Africana e das Regiões;
- (iv) as questões de género; e ainda
- (v) as novas ameaças emergentes como é o caso do terrorismo.

O reforço da capacidade de intervenção colectiva do continente não é uma rejeição da assistência da comunidade internacional, particularmente das Nações Unidas, cujo Conselho de Segurança continua a ter a responsabilidade primária de manutenção da paz e segurança internacionais.

Trata-se, sim, de assegurar que o continente possa contribuir de uma maneira activa e substantiva para a erradicação dos conflitos em África e para a promoção de um clima de paz e segurança, em conformidade com o previsto na Carta das Nações Unidas e no Acto Constitutivo da União Africana.

Estamos confiantes de que em Julho do presente ano, em Kigali, Ruanda, poderemos reportar à Cimeira dos Chefes de Estado e de Governo, que cumprimos a missão que nos foi incumbida e que saímos de Maputo reafirmando a credibilidade política e capacidade operacional de África para assumir a liderança na solução e gestão dos problemas nos domínios de paz e segurança.

Termino, formulando votos de boas deliberações de uma boa estadia em Moçambique.

**Muito Obrigado!**